

Estudar, refletir e re-construir: a trajetória de um grupo de estudos na educação básica

Cláudia Alves dos Santos¹
Letícia Strossi de Oliveira²

Resumo:

Os projetos de ensino desenvolvidos no Instituto Federal Farroupilha são mais uma das possibilidades de ampliar as vivências dos seus discentes, visto que trabalha temáticas que vão além das questões já problematizadas nos projetos pedagógicos dos cursos. Os projetos desenvolvidos no campus Santo Augusto –RS foram resultantes de demandas estudantis a partir das aulas de Geografia no ano de 2016 e 2017. Em seu primeiro ano de estudos o projeto foi intitulado “A situação das mulheres na contemporaneidade: reflexões entre discentes e docentes no IFFarroupilha”, cujo objetivo foi o de analisar e refletir a situação das mulheres na sociedade atual. A partir dessas análises, houve a conclusão da pouca presença de mulheres em cargos eletivos nos municípios de origem dos/das estudantes e no Brasil, portanto esta constatação levou há uma preocupação relacionada ao desenvolvimento de políticas públicas que combatam a violência e as desigualdades entre os gêneros. O grupo de estudos, assim, no de 2017, buscou estudar a presença das mulheres na política brasileira com um enfoque à região noroeste do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo propor uma conscientização-participação dos/das estudantes no processo político brasileiro. Os referenciais teóricos dos projetos envolveram os estudos de FREIRE (1980,1987 e 1996), (VELEDA (2013) COLLING (2015), SANTOS (1987), LEON (1997), BATLIWALA (1997) e SARDENBERG (2006).

Para realizar esses estudos foram trabalhados os movimentos e as movimentações das mulheres destacando os direitos universais, a violência contra a mulher, as desigualdades na divisão do trabalho, os diversos empoderamentos femininos e a presença das mulheres em cargos eletivos. Estes temas foram abordados em diversas escalas geográficas (global, nacional, regional e local) através de filmes, documentários, notícias jornalísticas e artigos acadêmicos. A partir das reflexões e aprendizados no decorrer do projeto, houve intervenções internas no Campus Santo Augusto, apresentações artísticas e palestras com a comunidade acadêmica do campus, e também comunidade externa, entre outras atividades. Por fim, vale destacar o crescimento pessoal de todos os participantes do grupo enquanto seres humanos empáticos à problemática das mulheres no mundo e, em especial, no Brasil.

Palavras-chaves: grupo de estudos, ensino, gênero.

¹ Instituto Federal Farroupilha; Professora; claudia.santos@iffarroupilha.edu.br

² Instituto Federal Farroupilha; Técnica em Agropecuária; strossileticia@gmail.com

Introdução

O Instituto Federal Farroupilha em suas diversas ações e programas apresentam como mais uma possibilidade de ampliar as vivências dos seus discentes os projetos de ensino. Esses projetos, construídos por servidoras e servidores do instituto devem envolver apenas os discentes da instituição e buscar trabalhar temáticas que vão além das questões já problematizadas nos projetos pedagógicos dos cursos técnicos integrados. No ano de 2016, a partir de uma demanda estudantil, foi proposto um grupo de estudos, para estudantes do ensino médio técnico integrado do campus Santo Augusto, cujo objetivo foi o de analisar e refletir a situação das mulheres na contemporaneidade. Os estudos empreendidos no grupo foram desenvolvidos nos anos de 2016 e 2017 e permitiram aprofundar discussões relacionadas à questão da violência contra a mulher, o re-conhecimento dos movimentos e das movimentações das mulheres na história da humanidade, a importância da ferramenta metodológica-conceitual do empoderamento feminino e reflexões sobre a presença da mulher em cargos eletivos. O conceito de empoderamento foi trabalhado e analisado a partir das discussões propostas por (LEON (1997), BATLIWALA (1997) e SARDENBERG (2006). Nestes textos a questão do empoderamento é apresentada como uma ferramenta metodológica contextual e pensada sempre de forma coletiva e não individual como alguns agentes econômicos tendem a propor. Algo considerado pelas autoras como cooptação de um elemento importante na luta das mulheres.

No primeiro ano do projeto os referenciais teóricos utilizados para a construção do projeto envolveram os textos de Susana Maria Veleda de Susana Maria Veleda da Silva (2013) e o da professora Ana Maria Colling (2015). Os dois textos demonstram a importância das discussões de gênero se fazerem presentes no âmbito educacional, pois como afirma COLLING (2015):

(...) A escola, a universidade, não pode virar às costas a estas lutas e movimentos sociais que teimam em se fazer presente. Entendendo os lugares do saber, a escola em particular, como um lugar de demarcação das relações de poder entre os sexos, esta poderá se transformar também, em espaços de respeito à diversidade e de construção de relações igualitárias (p.34)

Esses dois textos, mais as concepções freirianas sobre uma educação *problematizadora* e emancipatória, durante um tempo, balizaram as escolhas de materiais para o grupo. E, além desse arcabouço teórico um livro chamado “ O espaço do cidadão” escrito por Milton Santos em 1987 foi importante para a construção das discussões no grupo. Nesse livro, a discussão proposta sobre cidadania é bastante ampliada, pois o autor propõe uma compreensão do conceito de cidadania no Brasil. Segundo o autor:

Em nenhum país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e

concentradora, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da buscada ascensão social. Em lugar de cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário.

Essa discussão sobre cidadania no Brasil é importante, pois é preciso compreender a dificuldade dos grupos considerados “minorias” no processo de garantia de seus direitos, ou seja, de construções de cidadanias. Logo, um projeto proposto na educação básica, cujo tema tem como elemento norteador reflexões sobre a situação das mulheres em diversas escalas geográficas pode vir a contribuir para um processo de novas cidadanias no nosso país.

Metodologia

O projeto, em forma de grupo de estudos, foi desenvolvido a partir de encontros presenciais e a distância entre a professora coordenadora, professores colaboradores e os estudantes do ensino médio técnico integrado. Nesses momentos, foram trabalhados os movimentos e as movimentações das mulheres destacando os direitos universais, a violência contra a mulher, as desigualdades na divisão do trabalho, os diversos empoderamentos femininos e a presença das mulheres em cargos eletivos. Estes temas foram abordados em diversas escalas geográficas (global, nacional, regional e local) através de filmes, documentários, notícias jornalísticas e artigos acadêmicos. Houve a criação de uma página no facebook para a interação dos participantes e postagem de materiais para embasamento nos encontros presenciais, bem como a presença de duas bolsistas (uma no ano de 2016 e a outra no ano de 2017) responsáveis por catalogar dados, pesquisar artigos e descrever as atividades. Importante destacar que no ano de 2017 houve a opção por trabalhar apenas com a temática relacionada à presença da mulher na política, pois a partir dos resultados do ano anterior o grupo percebeu que muitas demandas das mulheres só seriam resolvidas no âmbito da política, como por exemplo, a questão da legalização do aborto no Brasil que ainda é um tabu para a nossa sociedade.

Resultados

Partindo-se do pressuposto que se faz necessário reconhecer os movimentos e as movimentações históricas das lutas das mulheres pelo reconhecimento de suas cidadanias o grupo começou os seus estudos a partir da exibição de um filme intitulado “ As sufragistas”.

Mesmo reconhecendo que o filme não abrange todas as nuances de uma discussão mais ampla sobre o direito ao voto no mundo, julgou-se como um material interessante para iniciar as discussões. Naquela sessão-debate foi importante perceber que a maioria dos e das estudantes não sabia sobre aquela movimentação na história de luta das mulheres. E, após, a exibição do filme, foi sugerido ao grupo a leitura do texto “Feminismo, História e Poder” da professora Celi Pinto³. O grupo reconheceu, inicialmente, uma certa dificuldade na leitura do texto, porém, este propôs várias discussões e construções de várias intervenções na escola, ao ponto de no ano de 2017 o grupo trabalhar apenas com a temática da presença da mulher na política.

Um dos exemplos de como esse texto apresentava discussões presentes no cotidiano do grupo foi a proposta de uma das estudantes de apresentar dados e reflexões sobre “A legalização do aborto”. Esse tema bastante polêmica para elas e eles se fez necessário repetir no ano de 2017 quando se propôs discutir a presença da mulher na política. Percebíamos durante a construção do grupo que essa discussão era quase um tabu e que existia muita discordância, principalmente entre as meninas mais religiosas.

Além dessas discussões, foi trabalhado uma crônica do Duvuvier “É menina” e a exibição do documentário “It’s a Girl”. Este documentário sensibilizou bastante o grupo e a ideia foi promover reflexões acerca da situação das mulheres em outros lugares no mundo. O documentário em si propõe uma reflexão muito impactante sobre o direito à vida das mulheres chinesas e indianas, mas a questão que a coordenadora pensou para dar continuidade às discussões foi: e no Brasil como se desenrolou a questão da cidadania da mulher brasileira? Assim, foi sugerido a leitura do texto de Tânia Maria dos Santos sobre “A mulher nas constituições brasileiras” e a coordenadora construiu uma aula expositiva sobre o tema.

O grupo também discutiu os limites do contexto social dos/nos lugares sobre certas discussões através do filme “O Sorriso de Monalisa”. Este filme apresentou que nem sempre as nossas discussões trariam rebatimentos reflexivos, mas poderia existir, inclusive, algumas proibições de nossas ações.

Após, a essa temática, foi ensinado ao grupo como pesquisar as leis do nosso país no site do planalto.gov, e, assim, o grupo leu a Lei Maria da Penha, assistiu um mini documentário sobre a vida dela e propôs que estava “na hora de aparecer na escola”. O grupo que ficava apenas funcionando dentro de uma sala, a partir de agosto de 2016, começou a aparecer através de intervenções provocativas e informativas na/para a escola.

³ O texto é dividido em duas partes: a primeira parte a autora propõe um histórico das lutas das mulheres no mundo e no Brasil e a segunda parte demonstra a importância da mulher na política.

A partir de uma reflexão em forma de comparação histórica dos machismos cotidianos e situações que ocorreram no campus viu-se a necessidade de fazer algumas intervenções no campus Santo Augusto. A escolha, inicial, se deu através de uma ação que foi denominada “cantinhos dos machismos cotidianos”. Nestes “cantinhos” foi apresentado falas/questões cotidianas presentes em dois cursos do campus. O primeiro teve relação com o preconceito sofrido pelas estudantes do curso técnico em agropecuária, o qual foi relatado por uma das participantes do projeto que cursava este curso. Segundo Letícia Strossi, o questionamento do seu colega “ Se mulher não aguenta nem um saco de adubo por que quer direitos? era indignante. O grupo pensou numa resposta e construiu a primeira reflexão para o curso. A pergunta do estudante foi colocada e logo abaixo respondíamos com uma nova pergunta: “Querido, para que serve a tecnologia?” com um carrinho de mão e um saco de adubo dentro, como pode ser observado na figura 01. O segundo “cantinho” foi realizado com base em um ditado sexista e presente no curso técnico em alimentos, pois neste há uma presença de muitas meninas nas salas de aulas, logo há uma relação direta que diz: “o lugar da mulher é na cozinha”⁴, porém respondemos que “Não! É onde ela quiser”, como pode ser observado na figura 02. E a última intervenção “provocativa-reflexiva” na escola foi a produção de um painel com fotos das participantes com seus namorados, famílias, amigos, com o objetivo de romper com a ideia propagada, pelo senso comum, que feministas são sozinhas e mal-amadas, como pode se observar na figura 3.

O projeto começou a ganhar destaque na escola e outras professoras envolvidas indiretamente no projeto fizeram elos com outras escolas da região e, a partir disso, o grupo foi convidado por duas escolas para apresentações de resultados parciais. A primeira foi em uma escola de Campo Novo e os discentes fizeram uma encenação sobre alguns dados catalogados durante os encontros, como: “Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro” e “Um terço dos brasileiros culpa mulheres por estupros sofridos”, entre outros, além disso, a professora fez uma apresentação teórica das pesquisas realizadas dentro do grupo, e ao final cada estudante fazia o relato de como o grupo promovia reflexões em sua vida (ver figura 4). Já, a outra intervenção extraescolar foi realizada em Santo Augusto, com o público da educação infantil, sobre a temática da consciência negra envolvendo as questões das mulheres negras.

⁴ Esse foi cantinho foi interessante porque muitas trabalhadoras terceirizadas da limpeza vieram conversar com a coordenadora e diziam o quão era importante era destacar que estamos em todos os lugares.



Figura 03. Painel

Figura 04. Apresentação em Campo Novo

Para finalizar o primeiro ano de estudos foi realizada uma apresentação para todos e todas do campus, no dia 8 de março de 2017. Nessa apresentação, houve uma encenação musical apresentada pelas estudantes ao som da música Triste, Louca ou Má –da banda Francisco El Hombre (ver figura 5) e, logo, após a coordenadora ministrou uma palestra sobre as lutas feministas, conceitos relacionados ao empoderamento feminino e as pesquisas realizadas pelo grupo no decorrer do ano.



A partir dos conhecimentos adquiridos pelos membros do grupo no primeiro ano do projeto, pôde-se concluir a falta de representatividade feminina nos espaços de poder, especificamente em cargos eletivos e, dessa forma, surgiram questionamentos dos mesmos, sobre: quem são as representantes na nossa região, mais especificamente, dos nossos municípios? Quais são os posicionamentos dessas mulheres no poder frente às demandas dos direitos relacionados às mulheres? Quais são os seus projetos? As leis 12.034, DE 29 DE SETEMBRO DE 2009 e Nº 9.096, DE 19 DE SETEMBRO DE 1995 estão sendo respeitadas pelos partidos políticos nestes municípios? A partir dessa problemática e dos questionamentos, viu-se a necessidade de dar continuidade ao projeto, e, assim, no ano de 2017 o projeto continuou, mesmo com um número reduzido de participantes, estudando a temática: "Pesquisando e refletindo sobre as mulheres na política brasileira: um enfoque à região noroeste do RS".⁵

Os procedimentos de estudos e reflexões propostos pelo novo projeto envolveram a realização de entrevistas por discentes com as vereadoras de suas respectivas cidades, escutas coletivas dessas entrevistas e a catalogação de dados presentes no site do TSE. Além disso o grupo continuou a ler notícias jornalísticas, artigos acadêmicos, cines debates, ou seja, a continuidade dos mesmos procedimentos do projeto anterior.

Os estudantes obtiveram conscientização-participação no processo político brasileiro, pois declararam ao final do projeto que antes dessas pesquisas não tinham conhecimento da atuação das mulheres na política e nem como funcionava os processos eleitorais e as escalas de poder, também houve uma reflexão sobre a posição e atuação da mulher na política

⁵ As saídas de algumas estudantes foram relacionadas às proibições familiares, pois duas famílias foram contra os estudos realizados no grupo e as outras relacionadas à entrada de estudantes no 3º ano e terem direcionado seus tempos para o estudo de vestibulares.

brasileira e o entendimento da importância de ocupar os espaços de poder. Um exemplo prático dessas discussões, foi o depoimento de uma das participantes, a qual destacou a sua mudança a partir do grupo, pois sua família sempre colocava a política como um lugar “feio, sujo e corrupto”. Porém, não só ela, mas todos aprenderam sobre a relação entre a política e a nossa vida cotidiana e que é preciso ocupar os espaços possíveis políticos. Para tanto, essa mesma participante que não sabia, segundo ela, “nada de política” entendeu a importância das discussões e assumiu um dos espaços possíveis de representação: a liderança de sua turma.

No ano de 2017 o grupo recebeu um convite para participar do Seminário de Educação, Diversidade e Inclusão no Instituto Federal Farroupilha no campus São Vicente do Sul e apresentou a encenação musical novamente da música “Triste, Louca ou Má” com algumas novas coreografias, bem como participou das palestras. Também, neste mesmo ano, o grupo foi convidado para participar de duas sessões-debates de um projeto institucional chamado “Cinema nacional no campus” e os filmes debatidos foram “A que horas ela volta” e “Elis”. Por fim, o grupo assumiu uma demanda institucional relacionado a uma parceria estabelecida pelo Instituto Federal Farroupilha e um projeto da ONU intitulado “He for She”. Todos os *campis* deveriam propor um momento de debate e reflexão sobre a situação das mulheres no mundo. O grupo optou por discutir a temática da masculinidade e, dessa vez, o grupo ganhou novos participantes para a apresentação e o retorno de algumas (ver figura 06). Nessa ocasião, houve uma encenação da música “Do outro lado” da banda “Los Hermanos” e, após, a essa apresentação, a professora Cláudia ministrou uma palestra de como o machismo afeta também os homens. Durante a palestra observou-se grande participação dos participantes com os demais estudantes do campus, houve enfrentamentos bastante polêmicos, porém, os argumentos- respostas dos participantes foram muito bem construídos.



Figura 06. Apresentação no He for She

Também é preciso destacar que durante os dois anos de realização dos estudos ocorreram “atos de resistência” por parte dos participantes e de estudantes “simpatizantes” da causa dentro do campus Santo Augusto, desse modo, podemos concluir que houve uma expansão do objetivo do projeto, pois resistir e lutar por um mundo menos preconceituoso para todas, todos e todes se deu de forma coletiva na escola.

Por fim, como forma de encerramento do projeto, houve a apresentação dos resultados dos estudos no ano de 2018 sobre a temática da mulher na política. Para tanto, uma estudante (não participante do projeto) se propôs a cantar “O bêbado e o equilibrista” para abrir a palestra “Mulheres na política: um lugar polêmico”, proferida pela coordenadora do grupo e a bolsista Letícia Strossi, e, ao fim, cada participante deu seu depoimento sobre sua experiência no grupo.

Conclusão: Não é porque somos de cidades pequenas é que precisamos ter mentes pequenas!

Durante os dois anos do projeto o grupo foi se constituído como uma referência e resistência dentro campus Santo Augusto no Instituto Federal Farroupilha, pois é sabido que a escola não é um espaço distante do contexto social. E, infelizmente, o nosso país apresenta dados alarmantes de assassinatos relacionados às mulheres e outros grupos minoritários. Bem, como vem vivenciado um período bastante conservador com alusões a um movimento chamado “Escola sem partido”, que surge em 2004, mas que ganha destaque nos anos de

2014-2015. Portanto, Santo Augusto, um município do Rio Grande do Sul, não estaria descolado dessa realidade, logo os conflitos inerentes ao projeto de ensino construído, ao mesmo tempo que ganhava força, também era visto com desconfiança por professores(as) e alguns pais.

Durante os dois anos de desenvolvimento do projeto foi notável o amadurecimento dos participantes, incluindo, também, a coordenadora professora e os ganhos que foram além das discussões. Os estudantes envolvidos durante o processo aprenderam novas formas de estudar e no princípio de seleção de dados as reflexões eram mais apuradas e cuidadosas. No início do grupo eles pouco se posicionavam, pouco faziam propostas, porém já no segundo ano coordenavam e modificavam os encontros. Ao longo do ano de 2018, uma das bolsistas organizou e coordenou a palestra juntamente com a professora para todos os estudantes do campus. Também é preciso citar que durante o ano de 2017 duas estudantes organizaram uma intervenção, em uma das turmas do curso técnico em informática, devido a um caso de memes sexistas e machistas que ocorreu na sala. Como a questão foi vista como uma brincadeira entre os estudantes o grupo fez uma proposta à coordenação do curso: realizar uma atividade reflexiva sobre a discussão dos memes na nossa sociedade. Acredita-se que a fase da adolescência é uma fase de construções, portanto ao invés de usarmos de recursos tradicionais como advertências, suspensões, foi proposto uma intervenção informativa-reflexiva.

No processo de finalização do projeto uma das falas mais marcantes foi a da estudante Letícia Strossi quando ao explicar a importância do projeto e, principalmente, das discussões relacionadas à presença das mulheres na política, ela deixa bem claro que podemos viver em cidades pequenas, porém não precisamos ter “mentes pequenas”. Esclarece que não necessariamente precisamos nos envolver com partidos políticos, mas que devemos, principalmente aqueles que defendem mundos menos desiguais, ocupar os espaços de representação como, por exemplo, as lideranças estudantis.

Ficou claro que ao final do projeto o conceito proposto por Leon (2001) sobre o empoderamento foi construído no grupo “ empoderarse significa que las personas adquieren el control de sus vidas, logran la habilidad de hacer cosas y de definir sus propias agendas” (p.94 e 95). E que toda a construção não se deu no campo do individual, mas nos processos coletivos de construções entre os participantes do grupo e a escola.

Muitos dos resultados jamais poderemos saber com nitidez e clareza, pois os debates e reflexões não transpareceram no percurso do projeto. Mas, as necessidades de discussões relacionadas às questões de gênero são latentes e importantes na educação básica.

É imprescindível que cada vez mais os trabalhadorxs da educação compreendam as diversas nuances presentes na escola para que esta realmente deixe de ser reprodutora de “*status quos*” e produzam uma educação emancipadora e problematizadora. Ou seja, podemos viver em cidades minúsculas, podemos ter pouco dinheiro, mas jamais devemos viver a pobreza das ideias e das reflexões.

Referências

- BATLIWALA, Srilatha. El significado de empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: **Poder y empoderamiento de las mujeres**. T/M Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997. p. 187-211.
- COLLING, Ana Maria. Inquietações sobre educação e gênero. In: **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº8 jan-jun, 2015. p.33-48.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LEON, Magda. **Poder y empoderamiento de las mujeres**. T/M Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.
- SILVA, Susana Maria Veleda da. A contribuição dos estudos de gênero para a compreensão da geografia do trabalho: uma pauta para discussão. **Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero**, v. 4, p. 106-117, 2013.
- SARDERBENG, Cecília. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. IN: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, 2009. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 15.06.2016.